

Turismo em Foz do Iguaçu, PR: O Patrimônio Cultural Libanês

Revista Rosa dos Ventos -

Turismo e Hospitalidade

7(3) 411-422, jul-set, 2015

© O(s) Autor(es) 2015

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Pós-Graduação em

Turismo e Hospitalidade

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Poliana Fabiula Cardozo¹, Paula Grechinski Demczuk²

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de descrever e analisar o patrimônio cultural libanês presente em Foz do Iguaçu, PR, de modo a anuir que ele cumpre dupla função: atender a demanda turística local e servir como fonte de identidade cultural para os imigrantes libaneses e seus descendentes. A metodologia da pesquisa buscou fontes secundárias, na forma de pesquisa bibliográfica para revisão teórica, e fontes primárias, oriundas de entrevistas. Como resultados, conclui-se que a comunidade libanesa chegou a Foz do Iguaçu na década de 1950 e desde então acumulou importante patrimônio no local, presente como arquitetura [mesquitas, escolas], monumentos [cemitério], gastronomia [restaurantes]; costumes [associações, festividades], grupos folclóricos, entre outros, visíveis no espaço urbano e listados como oferta turística. Tal exposição também resulta em fonte de identidade para este grupo, que tem apresentado discernimento em relação à quais marcas culturais estarão disponíveis e quais será resguardadas para a intimidade da comunidade.

Palavras-chave: Turismo. Identidade Étnica. Imigração Libanesa. Patrimônio Cultural Libanês. Foz do Iguaçu, PR, Brasil.

ABSTRACT

Tourism in Foz do Iguaçu, PR: The Lebanese Cultural Heritage -

This paper aims to describe and analyze the Lebanese cultural heritage present in Foz do Iguaçu, PR, in order to acquiesce that it

¹ **Poliana Fabiula Cardozo** – Doutor. Professor e Pesquisador no Departamento de Turismo, Universidade Estadual do Centro Oeste, Campus Irati, PR. <http://lattes.cnpq.br/1834607520455691> E-mail: polianacardozo@yahoo.com.br

² **Paula Grechinski Demczuk** - Mestre. Professor e Pesquisador no Departamento de Turismo, Universidade Estadual do Centro Oeste, Campus Irati, PR. <http://lattes.cnpq.br/7505469478431744> E-mail: peul_t@hotmail.com

fulfills two functions: meet the local tourist demand and serve as a cultural identity source for the Lebanese immigrants and their descendants. The research methodology sought secondary sources in the form of literature for theoretical revision, and primary sources, derived from interviews. As a result, it is concluded that the Lebanese community came to Foz do Iguaçu in the 1950s and since then has accumulated significant assets in place, as this architecture [mosques, schools], monuments [cemetery], food [restaurants]; customs [associations, festivities], folklore groups, among others, visible in urban areas and listed as tourism. Such exposure also results in identity source for this group, which has shown discernment regarding which cultural brands will be available and what will be safeguarded for the intimacy of the community.

Keywords: Tourism. Ethnic Identity. Lebanese. Lebanese Cultural Heritage. Foz do Iguaçu, Parana, Brazil.

INTRODUÇÃO

Foz do Iguaçu é uma cidade fronteiriça entre Brasil, Paraguai e Argentina, no extremo Oeste do Estado do Paraná, 637 km distante da capital regional, Curitiba. A cidade tem 263.647 habitantes (IBGE, 2015), e apresenta grande diversidade cultural: mais de 80 nacionalidades de imigrantes residem neste município, sendo os maiores contingentes originários do Líbano, da China, do Paraguai e da Argentina (Foz do Iguaçu, 2013). Fernandes (2007) menciona que nas Américas, apenas Nova Iorque e São Paulo teriam tal ou maior expressividade multiétnica. Caminhando pelas ruas da cidade não é surpresa deparar-se com japoneses, chineses, coreanos, franceses, bolivianos, chilenos, marroquinos, portugueses, indianos, ingleses, israelenses e tantos outros, que dão à cidade recebe um ar cosmopolita.

Por outro lado, os seus moradores desenvolvem marcas identitárias que ultrapassam os costumeiros padrões nacionais. Machado e Silva (2008) mencionam, com certa razão, que Foz do Iguaçu construiu uma particularidade ao longo da sua história, abrigando tantos diferentes grupos de imigrantes: “Daí, talvez, mais uma das razões que explicam a expressão nativa, constantemente reiterada, de que ‘Foz é uma cidade atípica’, principalmente quando se discute algum problema sobre a vida e o convívio cotidiano na cidade.” (p. 364). Mas a autora também relata que, quando se compartilha o uso do espaço por diferentes grupos, é difícil reconhecer uma única identidade para a cidade, e com isso há um esforço em apropriar tal dificuldade como um apelo à convivência com a alteridade: “é o apelo público e oficial da Prefeitura Municipal, dirigido aos moradores para participarem da vida cívica, jurídica e legal da cidade, através do emblema ‘Foz é de todos nós’.” (Idem, pp.364-365). E há que se concordar, portanto, que em Foz do Iguaçu as identidades seriam múltiplas, o que lhe confere uma cor local diferenciada.

Este artigo tem a intenção de descrever e analisar o patrimônio cultural libanês em Foz do Iguaçu, de modo a anuir que ele cumpre dupla função: atender a demanda turística local e servir como fonte de identidade cultural para os imigrantes libaneses e seus descendentes. O objetivo está assentado em uma questão central sobre a turistificação dos espaços de identidade libaneses: alguns espaços e manifestações já há décadas são abertos à visitação, outros consideram tal possibilidade, ao passo que alguns rechaçam a ideia. O objetivo é alçado mediante o seguinte esforço metodológico: descrição da comunidade libanesa que se dá ao longo do texto, a partir de fontes primárias e secundárias. As fontes secundárias consistiram em pesquisa bibliográfica sobre conceitos de base a respeito do que vem a ser oferta e

demanda turística e identidade cultural étnica. As fontes primárias são oriundas das entrevistas realizadas ao longo do ano de 2011, com roteiro semiestruturado, o qual abordava diversos aspectos da cultura libanesa: redes de imigração, relações inter e intra comunidade, educação, identidade e outros aspectos.

Foram realizadas 32 entrevistas com imigrantes e descendentes de libaneses residentes em Foz do Iguaçu, todos maiores de 18, que assinaram termo de consentimento livre e esclarecido no qual há a garantia de não identificação nominal dos entrevistados. A pedido dos mesmos, as entrevistas não foram gravadas, sendo as informações anotadas no ato da entrevista. A escolha dos entrevistados foi aleatória. Na medida em que as entrevistas foram ocorrendo, também ocorreram observações, posto que elas se davam no ambiente selecionado pelo entrevistado: sua casa, local de trabalho ou estudos. Neste momento todos os aspectos ligados à cultura libanesa eram tomados em conta para a compreensão e contextualização do entrevistado e da entrevista. Isso permitiu observar a decoração dos ambientes, roupas dos entrevistados, hospitalidade, pratos típicos servidos ou sendo preparados, ambientação do local e outros. Essa atenta observação foi tão fundamental quanto as entrevistas propriamente ditas, para o entendimento da *libanesidade* manifestada em Foz do Iguaçu. As entrevistas com imigrantes e descendentes sobre sua identidade cultural e a relação com os espaços institucionalizados pela comunidade libanesa permitiram que, a partir delas, fosse elaborada uma lista de espaços, considerando-se quais deles atendem ao turistas e quais servem apenas à comunidade local.

CENÁRIO DE ESTUDO

A situação multicultural local remodelou a paisagem urbana de Foz do Iguaçu e, assim, o seu cotidiano é marcado visivelmente pelo multiculturalismo: “além dos espaços sociais dos grupos da comunidade árabe, há, na cidade, um templo budista, igrejas evangélicas e católicas, clubes específicos e associações atuantes – dos portugueses, dos japoneses, dos coreanos, dos italianos e outras menores, como a associação franco-brasileira” (Machado & Silva, 2008, p.368). À parte os templos e outros espaços edificadas, a comunidade árabe, por exemplo, ainda promove, esporadicamente, atos de reconhecimento e visibilidade, que são as manifestações políticas pela causa da Palestina e festividades religiosas; isso sem mencionar as duas escolas árabes, o cemitério e os inúmeros restaurantes árabes na cidade de Foz do Iguaçu. Com base nesta experiência visual, Montenegro e Béliveau (2006) compreendem Foz do Iguaçu a partir do imaginário do diverso. Assim, seus próprios habitantes a consideram uma cidade aberta ao outro, hospitaleira aos imigrantes e turistas. Os iguaçuenses e o próprio poder público, segundo as autoras, creem que a diversidade seria um valor e uma riqueza.

Cabe mencionar que no início dos anos 1950 se instalaram em Foz do Iguaçu duas famílias libanesas, segundo informação a Marcelle Ghieh, em uma das entrevistas da pesquisa. As pioneiras seriam as famílias Youssef Hassan El Nissr e Ibrahim Barakat. Não há documentos que comprovem tais fatos, embora o passaporte do senhor Youssef registre entrada no Brasil em 1951, e que conste que logo depois disso ele se dirigiu para Foz do Iguaçu. A filha dele, Florida Hassan El Nissr, seria a primeira descendente de libaneses registrada em cartório da cidade, nascida em 20 de julho de 1957. Hoje a comunidade estima que o número de árabes, entre descendentes e imigrantes, não ultrapasse as 15 mil pessoas, quase todos morando em Foz do Iguaçu. Há quem diga que já não existem libaneses forasteiros em Foz do Iguaçu (aqueles que são explicados como apenas desejosos por ganhar muito dinheiro e voltar para o Líbano), mas sim, afirmam que os que suportaram todas as adversidades dos momentos iniciais, estão na cidade para ficar, ora porque já são nascidos no Brasil, ora porque têm seus

filhos e familiares na cidade, ou por outros motivos que esta pesquisa venha a revelar, e que fortalecem o enraizamento no local.

Precisar o número exato de imigrantes libaneses radicados em Foz do Iguaçu é muito difícil. A Polícia Federal tem algumas estimativas imprecisas: apenas se pode precisar a entrada de imigrantes e turistas por Foz do Iguaçu, mas muitos entram por São Paulo, Rio de Janeiro ou mesmo Chuí, no Rio Grande do Sul. Muitos que entram como turistas, com o tempo acabam obtendo nacionalidade brasileira; outros tantos, de Foz do Iguaçu seguiram rumo a outras cidades do Paraná ou mesmo para o estado de São Paulo. Há ainda a dificuldade de precisar os descendentes, pois sendo brasileiros natos, a autoridade da imigração não os trata com diferença de outros brasileiros: são brasileiros e pronto. Ao contrário da Polícia Federal, as lideranças da comunidade têm as suas estimativas, considerando a presença dos fiéis nas mesquitas e as crianças matriculadas em escolas árabe-brasileiras. Entende-se que com este critério étnico, os números são diferentes, contudo, não mais confiáveis do que os dos órgãos oficiais. Por isso, esta pesquisa não vai se ocupar de responder a esta questão em termos numéricos.

A IDENTIDADE CULTURAL ÉTNICA E A RELAÇÃO COM OS ESPAÇOS

O conceito de identidade pode ser percebido no contexto de diferença entre grupos sociais distintos entre si. Para Cuche (1999), tradicionalmente a construção da identidade passa pela relação entre grupos diferentes, sendo relevante determinar as marcas culturais distintivas como aquelas que são utilizadas pelo grupo “para afirmar e manter uma distinção cultural” (p.182). Em uma discussão contemporânea, Bhabha (2005) destaca as características de fluidez e transitoriedade da identidade, ressaltando a concepção de um hibridismo cultural, no qual as tradições são transfiguradas pelas novas gerações. Nesse sentido, o hibridismo cultural surge a partir do que é autêntico; e do que foi construído a partir dele. Especialmente em casos de migração, imigração, diáspora e exílio, nos quais a cultura é mesclada e a identidade redefinida. Bhabha observa um trânsito de experiências entre nações, o que gera novos significados para os símbolos culturais por uma questão de sobrevivência.

Dessa forma, para assegurar a pureza cultural e ao mesmo tempo camuflar a percepção de diferença, surgem novas construções de identidade, que ele caracteriza como *desterritorializadas*. Nesse processo, a identidade seria construída e reconstruída a todo o momento, reunindo o construto e a construção: objeto e processo. Isso quer dizer que se faz relevante observar, em estudos como esse que aqui se apresenta, o que é distintivo segundo o próprio grupo, e não de acordo com o pesquisador ou outro observador. Este processo-fato acontece dentro de esquemas de poder e, assim, a identidade é relacionada ao poder de um grupo, ao poder que este tem de impor e demonstrar suas características. Seria reducionista, portanto, definir identidades como puras, e não levar em conta o caráter heterogêneo que gere as relações entre os grupos. Ainda mais, o conceito de uma identidade pura impede a compreensão das identidades mistas, frequentes em todas as sociedades.

A identidade cultural pode muitas vezes ser plural. Essa premissa é muito importante para compreender a identidade cultural de imigrantes, pois esses por definição estão em contato com o diferente, e muitas vezes aparecem como diferentes; e não raro os imigrantes também se identificam com distintas fontes, sejam identidades nacionais (a de seu país quando no país anfitrião ou vice-versa) ou outras. A identidade quase sempre se encontra na busca de âncoras, baseada em uma geografia de marcos. Por isso, os marcos que podem servir para migrantes como lugares de identidade são elementos que deixam pistas permanentes na

paisagem da cidade anfitriã. No caso de Foz do Iguaçu, muitas marcas tangíveis da comunidade libanesa são expressas na paisagem: a Escola Libanesa Brasileira; a Mesquita Omar Ibn Khatib; o Husseiniye; o cemitério islâmico; e o Clube União Árabe, por exemplo. Mas também outros elementos intangíveis, que se mesclam a certa tangibilidade do lugar, marcam e fazem parte do cotidiano das pessoas: a gastronomia que já é uma mania entre locais e turistas por ser rápida, barata e acessível; a religiosidade traduzida nas roupas, chamamentos e celebrações; ou ainda o comércio simples e muito peculiar com mercadorias penduradas por toda a parede e forrando-a até o alto do pé-direito.

Tais marcas aparecem fortes na presença visível libanesa em Foz do Iguaçu e tornam-se elementos da cidade. São marcas que não deixam o observador enganar-se: naquela cidade existe uma expressiva comunidade árabe-libanesa. Mesmo que não se saiba diferenciar 'árabe' de 'libanês', 'muçulmano' de 'árabe', ou 'turco' de 'árabe' e que tal seja muitas vezes uma tarefa incomum e difícil para a maior parte dos brasileiros menos iniciados na questão, arredondando essas arestas, eles são tratados indistintamente como 'turcos'. Mas percebe-se, sem dúvidas, a presença desses que muitas vezes são 'outros', e por isso mesmo aparecem: contextos de diferenças, processos que geram as relações de 'nós e outros'.

Os marcos mencionados servem não apenas como uma eficiente forma de dizer que existem, mas também atendem como importantes maneiras de identificação dos imigrantes e seus descendentes com o espaço em que ocupam. Não os deixam esquecer a que pertencem, faz com que pertençam. Ocupar e viver esses espaços de identificação é reforçar e [re]viver o Líbano. Assim, os marcos identificatórios da cultura libanesa em Foz do Iguaçu atendem a uma dupla tarefa: *identificam-nos* para os 'outros' e são fonte auto *identificação* para o 'nós'.

A entrevistada Munira³ explica que às vezes ela tem a sensação de estar no próprio Líbano, quando em Foz do Iguaçu: *"em cada esquina tem um shawarma, mercadinhos com letreiros em árabes, lojas, escolas, mesquitas. Eu adoro isso, parece que estou no próprio Líbano, isso porque o povo de Foz, os árabes, faz com que a cultura apareça em muitos aspectos"*. Ao questionar o que em Foz do Iguaçu pode ser considerado marco da identidade libanesa, as respostas variaram também: mesquita, mulheres cobertas, gastronomia, comércio, a língua falada e escrita, a união entre os membros da comunidade, e etc. E aqui se pode observar a autoimagem que eles acreditam que seja visível aos outros.

TURISMO VERSUS IDENTIDADE

Para trabalhar com os elementos turísticos da questão aqui abordada, esse texto compreende que os atrativos turísticos são a base da oferta turística, figurando como estímulo para que o turista se desloque e permaneça na localidade de destino (Bahl, 2004). Tratando de legado étnico, Bahl (2004) coloca que a existência deste, em si, não configuraria, ao menos preliminarmente, um atrativo turístico, mas que deve ser tratado como marcas de etnicidade com significação para a comunidade receptora, e indicados como potencial atrativo. Para tratá-lo como um atrativo, propriamente dito, outras condições devem ser também atendidas: acesso, e facilidade.

Bahl (2004) vê a diversidade étnica, advinda das imigrações, no Brasil, como potencialidade turística, pois segundo ele, no processo de integração que cada grupo teve ao chegar ao País, trouxe consigo contribuições que, com o passar do tempo, fizeram parte da vida brasileira. Tratando dos atrativos culturais, comenta que entre outras características, esses atrativos "são

³ 44 anos, descendente. Seu nome alterado para preservar sua identidade, a seu próprio pedido.

recursos que podem ser utilizados como elemento diferenciador, que vai desde a amostragem de materiais característicos que se salientam nas edificações, o artesanato e as diversas manifestações artísticas até o modo de vida da população.” (p. 37). É dizer que os atrativos culturais compõem a cor local e diferenciam a localidade de outros destinos turísticos. O autor define atrativo turístico como sendo “todos os elementos que possam despertar a curiosidade dos turistas” (p.44). Ele também atenta para o fato de que os atrativos por si só não se sustentariam: seria necessário agregar a eles outros atrativos comuns e combiná-los com facilidades que permitiriam a permanência e o acesso, que possibilitariam o deslocamento do visitante.

As destinações turísticas, bem como sua oferta, evoluem no tempo, seja em termos de suas instalações e serviços, seja em relação à matéria-prima turística, trabalhando para que um recurso turístico passe a ser um atrativo turístico. É bem verdade, que este não é um processo simples, e diversos fatores podem concorrer para que isso aconteça. Cooper *et al* (2002) citam alguns deles: taxa de desenvolvimento da destinação turística; vias de acesso; diretrizes governamentais; destinações concorrentes; e tendências de mercado. Nesse sentido, o destino Foz do Iguaçu mostrou significativa evolução nas últimas décadas, quando era um destino de *compristas* no Paraguai e monotemático em torno das Cataratas, para dedicar-se a uma ampla gama de atrativos que contemplam temas diversos como: ciência e tecnologia (Itaipu e todos os atrativos que seu complexo dispõe; Centro de Conscienciologia); parques naturais (Parque Nacional do Iguaçu e seus inúmeros atrativos e Parque das Aves); a tríplice fronteira; cultura (Marco das três Fronteiras, Igrejas, Museus, Feiras, Mesquita, Templo Budista, etc); gastronomia; e tantos outros.

Ao questionar os entrevistados sobre o que em Foz do Iguaçu pode ser considerado marco da identidade libanesa, as respostas variaram também: mesquita, mulheres cobertas, gastronomia, comércio, a língua falada e escrita, a união, e outros. E aqui se pode observar a autoimagem que eles acreditam que seja visível aos outros. Ficou claro que os entrevistados compreendiam muito bem a diferença entre ser libanês e o que da *libanesidade* é exposta aos não libaneses. De modo que, os elementos-marco da identidade libanesa que creem serem visíveis aos outros são de fácil percepção, os elementos que compõem o ser libanês só podem ser vistos de perto, com o convívio. Daí, talvez, venha em parte o sentimento de não serem compreendidos ou profundamente conhecidos pelos não libaneses, o que muitos entrevistados comentam.

Ao andar por Foz do Iguaçu se vêem muitos restaurantes libaneses, expondo seus espetos de churrasco grego [*shawarma*] na calçada; eles estão sempre cheios de turistas e não árabes. O mesmo se vê nas doçarias. Nos salões de beleza que fazem depilação no método árabe [linha], o quadro se repete. São esses alguns exemplos de apropriação de bens culturais libaneses na cidade por não árabes. Outros certamente existem. A visibilidade e a acessibilidade de alguns elementos libaneses em Foz do Iguaçu é um motivo de satisfação para muitos entrevistados e para outros até de orgulho. Não há nada relacionado à cultura libanesa que eles gostariam que fosse ocultado da sociedade iguaçuenses em geral, ao contrário: gostariam que outras coisas mais fossem visíveis.

60 ANOS DE DIÁSPORA LIBANESA EM FOZ DO IGUAÇU

Em 60 anos de diáspora orientada para Foz, a comunidade libanesa construiu uma estrutura social completa – com entidades representativas, espaços religiosos, gastronômicos e de lazer, e com um patrimônio arquitetônico específico. Entre este patrimônio encontram-se a

mesquita, o *husseiniey*⁴, a igreja, as escolas, e o clube. Concomitantemente à construção do patrimônio arquitetônico, a visibilidade da comunidade se expressa pela gastronomia que pode ser desfrutada nos diversos restaurantes, doçarias, açougues e padarias espalhados principalmente pelo centro da cidade e bairros Vila Portes e Jardim Central. Ainda, em eventos específicos podem se assistidas apresentações de danças folclóricas, tais como o *dapke*⁵. As próprias pessoas aparecem no dia-a-dia com suas roupas e comportamentos nas ruas da cidade, conversando, vendo televisão nos estabelecimentos com canais árabes como o Al Jazeera, LBC, Al Manar, ART e outros, ouvindo música das mais clássicas cantoras como Fairuz até o pop Amir Diab, enfim, marcando a presença árabe e principalmente libanesa, que é hoje absolutamente comum, mas extrapola a própria cidade, tomando a fronteira.

Na região da tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina existem aproximadamente dezesseis instituições árabes, sendo doze na cidade de Foz do Iguaçu: Associação Árabe Palestina Brasil de Foz do Iguaçu; Associação Beneficente Árabe Brasil; Associação Cultural Sírio Brasileira; Igreja Evangélica Árabe de Foz do Iguaçu; Lar dos Drusos Brasileiros; Sociedade Islâmica de Foz do Iguaçu; Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu; Centro de Atividades Educacionais Árabe Brasileiro; Escola Libanesa Brasileira de Foz do Iguaçu, Grupo Escoteiro Líbano-Brasil; Sociedade das Damas Árabes, e Clube União Árabe. Além disso, agora a cidade conta com uma agência de notícias especializada em mundo árabe e na comunidade árabe local, chamada A Fronteira/*Al Hudud*.

Essas diversas instituições formaram-se sob interesses diversos dentro da comunidade árabe, ao longo do tempo. Hoje, a grande maioria delas atende não somente aos árabes que imigraram para Foz do Iguaçu e a seus descendentes já nascidos no Brasil, como também à comunidade não árabe, especialmente em ações de beneficência. Elas são de cunho cultural, religioso, recreativo, educacional, beneficente e representativa de comércio e mantêm escolas, asilos, a mesquita, e clubes de lazer. Ao longo do desenvolvimento dessas entidades, seus organizadores não perderam de vista um dos seus principais focos: o bem-estar da comunidade árabe em Foz do Iguaçu, em diversos âmbitos como preservação do idioma, da cultura, da religião, salvaguardando alguns valores e tradições. Entre as associações árabes de Foz do Iguaçu destacam-se pela sua atuação: Centro Cultural Beneficente Islâmico, Centro de Atividades Educacionais Árabe Brasileiro; Escola Libanesa Brasileira de Foz do Iguaçu e Clube União Árabe. Os dados acerca dessas instituições que ora se apresentam foram extraídos na íntegra de Cardozo (2004), em uma breve descrição destas instituições étnicas que permite compreender um pouco melhor, como funciona o cenário dos libaneses na cidade.

Os libaneses em Foz do Iguaçu organizam-se numa estrutura social complexa, que conta não apenas com clubes recreativos, entidades religiosas e educacionais, mas também com diferentes elementos estruturantes para seu cotidiano, marcando fronteiras, territórios e reafirmando sua identidade. A seguir, mencionam-se alguns desses elementos. Tais foram extraídos de Cardozo (2004) na íntegra. As festividades de origem libanesa em Foz do Iguaçu, são caracterizadas por motivações religiosas e cívicas, bem como podem ser caracterizadas como não excludentes, no sentido de abranger toda a comunidade sem exceção de gênero ou idade. Alguns exemplos podem ser mencionados: *Eid ul Fiter* (finalização do jejum do mês de Ramadã); *Eid ul Adha* (final da peregrinação Hajj); Nascimento do Profeta Mohamad⁶;

⁴ Local de celebração xiíta.

⁵ Dança folclórica libanesa.

⁶ Conhecida como Mawlid, a data é regida pelo calendário lunar. Sua celebração não é unânime entre os muçulmanos.

Nascimento de *Sáida*⁷, Fatma⁸ (dia da mulher muçulmana)⁹; Independência do Líbano (22 de novembro); e Independência do Brasil (7 de setembro).

O Quadro 1 apresenta maior detalhamento acerca destas e outras festividades libanesas, no qual é possível perceber que algumas festividades não destinam-se somente à comunidade árabe, estando abertas e sendo frequentadas por visitantes interessados nestas manifestações culturais.

QUADRO 1 - FESTIVIDADES

	<i>Aid Al Atha</i>	<i>Aid Al Ftr</i>	Nascimento de <i>Sáida Fátma</i>	Nascimento do Profeta Mohamad	Independência do Brasil	Independência do Líbano	Noite Árabe	Casamento na Aldeia
Cunho	Religioso	Religioso	Religioso	Religioso	Laico	Laico	Laico	Laico
Local de Realização	Mesquita	Mesquita	<i>Husseiniye</i>	Mesquita / <i>Husseiniye</i>	<i>Husseiniye</i>	<i>Husseiniye</i>	Varia	Centro de Convenções de Foz do Iguaçu
Data	Varia	Varia	Varia	Varia	07/09	22/11	Varia	Segundo semestre
Organização	Sociedade Religiosa	Sociedade Religiosa	Sociedade Religiosa	Sociedade Religiosa	Sociedade Religiosa	Sociedade Religiosa	Manifestação Espontânea	Escolar
Público a que se destina	Comunidade árabe local e visitante	Comunidade árabe local e visitante	Comunidade árabe local	Comunidade árabe local	Comunidade árabe local	Comunidade árabe local	Comunidade árabe local	Comunidade árabe local e visitante e não árabe local e visitante
Público frequentador	Comunidade árabe local e visitante. Autoridades iguaçuenses	Comunidade árabe local e visitante. Autoridades iguaçuenses	Comunidade árabe local	Comunidade árabe local	Comunidade árabe local e visitantes. Autoridades iguaçuenses	Comunidade árabe local e visitantes. Autoridades iguaçuenses	Comunidade árabe local e não árabe local e visitante	Comunidade árabe local e não árabe local e visitante
Apresentação musical/dança	Som mecânico	Som mecânico	-	--	--- Som mecânico	Som mecânico	Grupo folclórico, cantores.	Som mecânico, grupo folclórico, cantores, teatro.
Gastronomia	Pratos árabes tradicionais e não árabes	Pratos árabes tradicionais e não árabes	Pratos árabes tradicionais	Pratos árabes tradicionais	Pratos árabes tradicionais	Pratos árabes tradicionais	Pratos árabes tradicionais	Pratos árabes tradicionais

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Outro elemento da presença árabe em Foz do Iguaçu é a arquitetura. O arquiteto e filho de libaneses, Khaled Barakat (em entrevista concedida a Cardozo em 2004), tratando do tema explica que é imprescindível um arquiteto ou engenheiro para trabalhar com os elementos islâmicos em qualquer lugar do mundo, que tenha conhecimentos básicos de arquitetura islâmica para atender aos padrões obrigatórios: minaretes; cúpula; arcos; *mambar*¹⁰ à direita

⁷ *Sáida* para mulher ou *Sáid* para homem, vem do árabe Senhor. Título dado aos descendentes do profeta Mohamad, especial destaque para os xiitas.

⁸ Filha do profeta Mohamad com sua primeira esposa Khadija. Também é conhecida como Fatma Az-Zahrá (a rosa).

⁹ A data é regida pelo calendário lunar. Sua celebração não é unânime entre os muçulmanos, apenas os xiitas o fazem.

¹⁰ Local de onde se profere as prédicas, comumente ocupado pelo sacerdote ou outro líder da comunidade.

da *qibla*¹¹ (sendo ambas obrigatórias) e a Lua crescente, além da orientação para a cidade de Meca. E para *hussieniyes*, não deve haver minaretes ou cúpulas. A diferença entre uma mesquita e um *husseiniey*, segundo ele, seria que a primeira é um lugar de oração, e a segunda de reuniões (sociais, religiosas e culturais) de funerais, de casamentos, de celebrações e etc., podendo haver em seu interior um espaço para oração que deve sempre estar orientado para Meca.

Algumas das edificações que fortalecem o imaginário árabe em Foz do Iguaçu por meio da arquitetura: Mesquita Omar Ibn Khatib; Sede da Sociedade Islâmica de Foz do Iguaçu (*Husseiniey*); Clube União Árabe; Escola Libanesa Brasileira de Foz do Iguaçu; e Centro de Atividades Educacionais Árabe (Escola Árabe Brasileira). O Quadro 2 apresenta uma descrição desses bens arquitetônicos, no qual é possível observar a turistificação dos espaços de identidade libaneses.

QUADRO 2 – BENS ARQUITETÔNICOS

	<i>Husseiniey</i>	Clube União Árabe	Mesquita Omar Ibn Khatib	Escola Libanesa Brasileira	Centro de Atividades Educacionais Árabe
Endereço	R. José Maria de Brito, 927	Rod. Das Cataratas, s/n.	R. Palestina, s/n.	Av. F. Wandescbeer, 1785	Anexo à Mesquita
Entidade mantenedora	Sociedade Islâmica de Foz do Iguaçu	Clube União Árabe	Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu	Sociedade Islâmica de Foz do Iguaçu	Centro de Atividades Educacionais Árabe
Cunho	Religioso	Recreativo	Religioso	Educacional	Educacional
Público frequentador	Comunidade árabe local	Comunidade árabe local, visitante, e não árabe local	Comunidade árabe local, visitante, e não árabe local e visitante	Comunidade árabe e não árabe local	Comunidade árabe e não árabe local
Festividades organizadas	Nascimento do Profeta e <i>Saída</i> Fatma e Festividades cívicas	----	<i>Aid Al Ftr</i> , <i>Aid al Atha</i> , Nascimento do Profeta	Cívicas e religiosas	----
Data de início e término da construção ¹²	1988 – 1993	Término 1980	1981 – 1985	1999 – 2002	Término 1990
Funcionamento	Horário das orações e celebrações	Todos os dias até às 23h.	Todos os dias até às 20h	Seg à sex, das 7h:30min às 18h	Seg à sex, das 8h às 18h
Abrirea para visitação	Não	Sim mas ainda não é	Sim (é aberta)	Sim mas ainda não é	Sim mas ainda não é

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observa-se que apenas a Mesquita Omar Ibn Khatib é aberta para a visitação turística, e com exceção da *Husseiniey*, os demais espaços têm sido frequentados pela comunidade não árabe local. Este fato faz refletir sobre a manutenção de uma cultura por meio das edificações, *versus* a necessidade de se integrar (na qual vem também a exigência de se fazer compreender e mesclar ao outro).

A gastronomia árabe em Foz do Iguaçu também confere visibilidade à comunidade libanesa. O apego do árabe aos seus pratos tradicionais pode ser observado nas cidades brasileiras onde sua presença é mais fortemente sentida. Outra demonstração do mesmo pode ser constatada

¹¹ Do árabe Direção. Palavra usada, em termos islâmicos, para designar a direção para onde o fiel deve orientar seu corpo no momento da oração, a Kaaba na cidade de Meca – Arábia Saudita. Dentro das mesquitas, um elemento obrigatório, que muitas vezes é chamado de *qibla*, é o *mirhab*. Esse último trata-se de um elemento de adorno que claramente orienta os fiéis para a oração.

¹² As datas de início das construções do Clube União Árabe e do Centro de Atividades Educacionais Árabe não foram identificadas nesta pesquisa.

na introdução de alguns pratos tradicionais árabes no dia-a-dia do brasileiro: o quibe [*kibeh*] frito, assado e cru, a esfirra [*sfih*] e o charuto [*maluf u wuara aneb*], para citar apenas os mais conhecidos e consumidos, com variações não existentes no mundo árabe. São tão comuns ao paladar do brasileiro, que é como se estivesse presentes na cozinha nacional, desde sempre. A respeito da gastronomia árabe em Foz do Iguaçu, cabe mencionar que ela seria muito semelhante àquela servida no Líbano, pois não faltariam, na cidade, ingredientes e o preparo seriam exatamente o mesmo. A exemplo de muitos países árabes, no qual o Líbano se encaixa, a gastronomia é um aspecto relevante para a vida das pessoas, quer seja pelo hábito de reunir-se à mesa ou dos homens frequentarem cafés. Essa característica se reproduz em Foz do Iguaçu entre os libaneses. Os estabelecimentos gastronômicos da cidade se dividem em restaurantes, lanchonetes, docerias e mercados de produtos árabes. Aqui alguns exemplos: Lanchonete Casa da Sfiha; Lanchonete Casa da Esfiha Beirute; Açougue Árabe; Restaurante Líbano; Doceria Almanara; e Mercado Super Ghada.

O Quadro 3 apresenta a gastronomia árabe presente em Foz do Iguaçu. Percebe-se que os estabelecimentos de alimentação contidos nessa análise estão abertos também à comunidade não árabe e visitantes, diferentemente de outros elementos culturais anteriormente apresentados.

QUADRO 3 - GASTRONOMIA

	Super Mercado Ghada	Casa da Esfiha Beirute	Casa da Sfiha	Doceria Almanara
Tipologia	Mercado	Lanchonete	Lanchonete	Doceria
Endereço	R. Jorge Sanways, 473	Av. JK, 453	Av. JK, 421	R. da Palestina, s/n
Funcionamento	Seg. a sáb. até às 19 h	Diário, das 10 h às 22h	Diário até as 22h	Diário, das 10h às 19h:30min
Público frequentador	Comunidade árabe local e não-árabe local e visitante	Comunidade árabe local e não-árabe local e visitante	Comunidade árabe local e não-árabe local e visitante	Comunidade árabe local e visitante e não-árabe local e visitante
Principais pratos/produtos	Comida, utensílios de cozinha, carne, frutas e verduras	<i>Chawarma</i> , quibe frito, saladas e <i>sfih</i>	<i>Chawarma</i> , quibe cru, coalhada, <i>tabule</i> e <i>sfih</i>	Doces: <i>baalewe</i> , <i>maamul</i> , <i>macarroni</i> e bolos árabes

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Este cenário de visibilidade na cidade, bastante amplo em relação a outras etnias, permite a reconstrução de um Líbano Presente para fortalecer espaços que são fonte de identificação ou que propiciam as marcações identitárias. Muito mais importante do que estas marcações, são as vivências cotidianas das pessoas migrantes na cidade, que se fazem perceber em uma cidade que se diz de todos (pelo número de grupos de imigrantes e migrantes que recebe). A necessidade de educar os filhos em escolas árabes, para que aprendam a língua e a religião; de comprar ingredientes que lhes propiciem a 'autêntica comida libanesa'; de juntar-se a outros libaneses nas lanchonetes – árabes – para falar alto e claramente rememorando sua língua, ouvir sua música; celebrar à sua maneira as datas festivas; vestir-se como se vestem no Líbano (marcadamente as mulheres muçulmanas); escrever nos letreiros dos estabelecimentos comerciais em árabe e em português; e tantas outras manifestações de um grupo que à primeira vista se sente à vontade com o rótulo de árabe, turco ou mesmo libanês que lhe dá a comunidade iguaçuense.

Conforme o site da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu (Foz do Iguaçu, 2013), de todos esses elementos, apenas a Mesquita consta como atrativo turístico e os restaurantes aparecem como equipamentos – todo o inventário turístico municipal está disponível na página *on line*. Contudo, percebe-se que além do já mencionado no documento oficial do governo municipal outros recursos poderiam ser trabalhados para comporem a oferta turística local, tais como: os eventos Noite Árabe e Casamento na Aldeia (os quais já devem receber visitantes, mas esses

dados ainda não estão sistematizados e merecem um estudo a parte); e as edificações (excetuando o *Husseneniye*) que têm interesse na abertura para visitantes. Silva e Sant'Ana (2014, p. 650) explicam que:

O turismo é uma atividade que por si só provoca inúmeras transformações, principalmente na comunidade receptora considerando a sua organização e dinâmica sociocultural. Os efeitos provocados pelo fenômeno do encontro de culturas distintas, as influências que uma exercerá sobre a outra, as percepções e as avaliações derivadas desse contato em ambas as partes, são consequências, que embora mais notáveis sobre a comunidade receptora, são também muito expressivas para o visitante.

Com base nisso, pode-se dizer que em alguma medida a comunidade libanesa tem em mente que o fluxo de visitantes pode vir a provocar mudanças em seu cotidiano da mesma forma que promoverá câmbios na forma como vê e é visto. Nesse mesmo sentido, Brusadin (2014, s.p.) preconiza que:

A cultura e suas formas de representação, tal como a tradição, possuem um poder simbólico no imaginário social praticado pelo patrimônio cultural e que pode ser comercializado e consumido pela atividade turística. O fato é que o caráter representativo de uma cultura, ainda que seja, na realidade, apenas representativo mínimo dessa cultura, lida com a condição de bem patrimonial e também, muitas vezes, como atrativo para o turismo. Essas interlocuções contemporâneas se fazem presentes na composição do patrimônio cultural quando passa a incluir entre os vetores que o constituem as influências do turismo e seu possível aproveitamento em um processo econômico global.

Tal reflexão vem de encontro direto com o que se opina neste artigo, que se de um lado o patrimônio está em sua gênese, relacionado a uma cultura e todo o simbólico que traz consigo, por outro pode estar fortemente ligado ao turismo, e inclusive dele tirando sua sustentabilidade econômica e logo sua possibilidade de manter-se para muito além dos símbolos nele contidos. Sem embargo, cabe retomar o supramencionado de que essa relação dual, que o patrimônio estipula entre o simbólico, a identidade *versus* o turismo está longe de ser equacionada pelos que gerem os bens culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse na ampliação dessa oferta turística étnica não é massificar o atrativo/recurso para que receba milhares de visitante ao ano como o Parque Nacional do Iguaçu (embora em recente visita à Mesquita, em junho de 2013, obteve-se a informação de que por lá passam por mês em média cinco mil visitantes), mas mostrar do lado do setor público local o caráter multiétnico local; e por parte da comunidade libanesa, divulgar sua existência, identidade e valores; e ao visitante interessado em atrativos fora do roteiro habitual, novidades. Não se pode ser ingênuo de achar que esse processo de turistificação dos espaços étnicos locais seja rápido ou fácil. Ao contrário disso: requer adaptações do espaço, divulgação de informações sobre ele e sobre a comunidade que o abriga, disseminação das informações turísticas como um todo no material promocional do destino, inserção de possíveis roteiros; e etc. E como se pode perceber é um esforço conjunto do poder público que gere e planifica a atividade turística e da comunidade imigrante que abre as suas portas para o turismo.

Abriu-se ao olhar do outro sempre tem implicações: ser objeto de lentes fotográficas, de curiosidade, de perguntas indiscretas, do bater à porta quando nem sempre se deseja, do expandir-se para o novo e para a mudança em médio e longo prazo. Mas essa abertura pode ter boas implicações, sobretudo para uma comunidade de imigrantes muçulmanos (e como se

espera estigmatizada pela mídia, nem sempre compreendida), quando nela – na abertura da comunidade – residem possibilidades de ampliar o diálogo, a apresentação do que se é e a institucionalização de um discurso positivo sobre o que se é, de onde se vem ou o que se faz. Porém decidir mostrar-se ao turista, abrir suas portas à visita é uma decisão importante e que deve ser tomada em conjunto pelos membros da comunidade: determinar o que deve ser apresentado e o que deve ser mantido na intimidade da comunidade é fundamental para a manutenção das raízes elementares culturais étnicas. Ao que parece, a comunidade libanesa de Foz do Iguaçu está caminhando neste rumo: o da abertura paulatina e refletida.

REFERÊNCIAS

Bahl, M. (2004) *Legados étnicos & oferta turística*. Curitiba: Juruá.

Bhabha, H.K. (2005) *O local da cultura*. Belo Horizonte: EDUFMG.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015). *IBGE Cidades*. Consultado em 19 de maio de 2015 através

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=410830&search=parana|foz-do-iguacu>

Brusadin, L. (2014). A cultura e a tradição no imaginário social: ação simbólica no patrimônio e no turismo. *Revista Turydes: Turismo y Desarrollo*, n. 17. Consultado em 30 de setembro de 2015 através <http://www.eumed.net/rev/turydes/17/patrimonio.html>

Cardozo, P. (2004). *Possibilidades e limitações do turismo étnico: a presença árabe em Foz do Iguaçu*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul.

Cooper, C. et al. (2001) *Turismo: princípios e práticas*. Porto Alegre: Bookman.

Cuche, D. (1999) *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc.

Fernandes, M. (2007) Terra do Nunca. *Rolling Stone Brasil*, São Paulo, v. 6, mar. Consultado em 26 de novembro de 2010 através de <http://www.rollingstone.com.br/edicoes/6/textos/terra-do-nunca/#muda>

Foz do Iguaçu. (2013) *Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu*. Consultado em 13 de junho de 2013 através de <http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br>

Machado e Silva, R. C. (2008) Reordenação de identidades de imigrantes árabes em foz do Iguaçu. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, 47(2), pp. 357-373.

Montenegro, S. & Béliveau, V.G. (2006) *La triple frontera: globalización y construcción del espacio*. Buenos Aires: Miño y Dávila

Silva, D. & Sant'Ana, P. (2014) Turismo e Confronto com a Identidade Cultural: impactos psicossociais da atividade turística em Diamantina-MG. *Turismo em Análise*. V.25(3).

Recebido – 19 MAI 2015

Avaliado e Revisado – JUL - SET 2015

Aprovado – 04 OUT 2015